

Nestas paragens, há cento e vinte e cinco anos...

UMA VISITA AO MUSEU DO IPIRANGA, À PROCURA DO RASTRO DOS LIBERTADORES — O CORPO ARQUITETÓNICO — NÃO ERA PARA SER SO' ISSO — LEITURA DO HISTORIADOR TAUNAY E PALAVRAS DO SOCIOLOGO SERGIO BUARQUE DE HOLANDA, AGORA À FRENTE DO IPIRANGA

Antigamente, o museu do Ipiranga era o ponto preferido dos forasteiros que desejassem conhecer os pontos mais interessantes da Paulicéia. Documentos antigos, moveis velhos, bichos empalhados, constituíam a riqueza do Museu Paulista. Mas isso foi muito antigamente, num antigamente do qual já nos separam mais de vinte anos. Hoje o Museu é diferente: já não tem onças empalhadas e sua feição é muito mais severa. Depois do naturalista Ihering, que colecionava bichos empalhados, passou pela direção do majestoso estabelecimento o conhecido historiador Afonso de E. Taunay e — com o passar dos anos — também o historiador Taunay abandonou a direção do Museu gozando hoje de uma merecida aposentadoria. Atualmente, é diretor do Museu o escritor Sergio Buarque de Holanda.

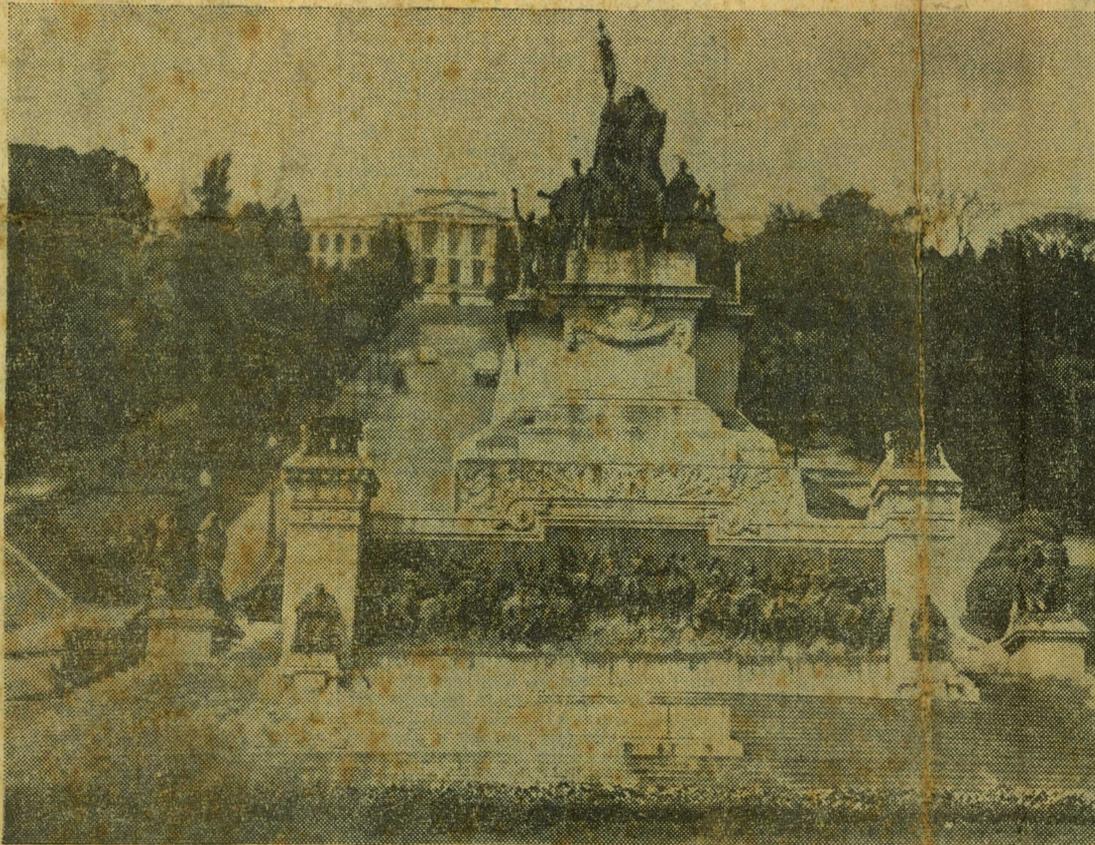
O GRITO DO IPIRANGA A TREZENTOS METROS

“... em 1822 era o Ipiranga semi-deserto: de longe em longe, ao longo do Caminho do Mar, aparecia uma casinha de morador. Tão perto de S. Paulo, estava-se em pleno campo. A's margens de um riacho, celebre hoje e naquele tempo ignorado quase, erguia-se a mais notavel construção do bairro, pertencente ao coronel João de Castro do Canto e Melo. Perto, outra casa, muito mais tosca, que figura na grande tela de Pedro Americo: “Independencia ou Morte”. Era um trecho ermo, quase ignorado pelos paulistanos até que um dia...”

É o historiador Afonso de E. Taunay quem escreve:

“De um momento para outro, adquiriu aquele modestissimo e feio trecho de charneca o mais extraordinario prestigio, desde que pelas quatro e meia da tarde de sete de setembro de 1822, clamou o principe regente, a face dos povos, que o Brasil se desligava de Portugal”.

Em prefacio ao “Guia da Secção Historica do Museu Paulista”, o sr.



O monumento do Ipiranga, vendo-se ao fundo o Museu Paulista.

HOJE

Hoje, é diretor do Museu do Ipiranga o escritor Sergio Buarque de Holanda, interessado em desenvolver ao maximo os estudos de antropologia. Para tanto, “pontas de lança” são

popular é algo interessantissimo. Mais interessante seria se o proprio diretor do Museu do Ipiranga, ladeado pelos seus auxiliares, acompanhasse o visitante em todos os seus passos. Foi isso o que sucedeu quando comparecemos na ultima sexta-feira aqúelle majestoso edificio, a fim de levar a efeito uma desprerenciosa reportagem. O escritor Sergio Buarque de Holanda nos acompanhou por diversas salas do Museu do Ipiranga contando fatos e coisas do passado, trazendo a Historia que vive naquelles quadros, naquelas “cadeirinhas” e naquelles documentos.

Seria fastidioso para o leitor narrar tudo o que vimos, contar por exemplo que aquelle mostrango da sala 204a um carnão dos nossos valentes colonizadores lusitanos. Seria menos fastidioso, talvez mais interessante, dizer que o José Barroso é o funcionario mais antigo do Museu: quando este ainda não tinha portas e janelas, já o Barroso (inimigo de fotografos) era porteiro do edificio que guarda a Historia em documentos. Não seria desinteressante visitarmos a sala reservada a Santos Dumont, embora fosse uma séca terrivel um passeio à sala do padre Feijó... A sala Santos Dumont guarda o que irreverentemente chamariamos a “capa do primeiro homem a voar no mais pesado do que o ar”, pois constituem uma capa do inventor do avião aqueles sapatos de dois palmos de comprimento, as bengalhinhas estilizadas, as caricaturas publicadas nos jornais parisienses, a cabeça de Rodin. Ali estão os mais diversos objetos pertencentes a Santos Dumont.

Entre as novas salas, inauguradas depois que o sr. Sergio Buarque de Holanda passou a diretor do Museu, figuram aquelas em que vemos empilhadas flexas, tacapes, lanças, espadas de osso e punhais de madeira dos indios Chavantes, Javaés, Umutiras. Pensa o atual diretor do Museu de-

que há uns quatro anos contava somente quinze individuos”.

ENTRE O CRUZEIRO E O TETRADRACMA

Quando entramos nas salas reservadas à Secção de Numismatica, o sr. Sergio Buarque de Holanda indicou o dr. Alvaro da Veiga Coimbra, diretor da secção. Daquelle momento em diante, seria ele o “ciceroni”. O novo guia não pára de falar enquanto nos aponta moeda atrás de moeda, condecorações atrás de condecoração: — “Com excepção da Ordem da Aeronautica, diz ele, criada recentemente, possui o Museu do Ipiranga todas as ordens honorificas da Republica, que são a Ordem do Cruzeiro do Sul, a do Merito Naval e a de Merito Militar em todos os seus graus. Possuimos também a Ordem do Merito de São Paulo, ainda da época Colonial. São duas peças muito raras,

Faz uma pausa e continua:

— “E também temos as medalhas militares do Imperio, destacando-se as medalhas da Campanha Cisplatina e da Restauração da Bahia”.

Enquanto, o dr. Coimbra discorre eruditamente, olhamos para as paredes onde brilham retratos de pessoas com o peito cheio de medalhas e comendas. Por eles, aprende-se como se dispunha sabiamente uma medalha no peito de quem a tinha merecido. E, diante do dedo professoral do dr. Coimbra, passam a desfilar moedas de todos os tipos e de todos os tempos, desde um tetradracma da Grecia Classica até um “getulinho, mais humilde. Medeiam entre elles seiscentas moedas do Imperio Romano, toda a coleção de moedas usadas no Brasil, isto é, moedas do tempo do rei Pedro II, que viveu em Portugal nos anos de 1667 a 1706. Para que não pensemos que falta de troco é coisa recente, vamos descobrir na secção de numismatica do Museu Paulista diversas moedas particulares, inclusive peças de cobre com o carimbo particular de grandes proprietarios de terra do tempo do Imperio. A semelhança dos passes da C. M. T. C. esse carimbo tinha um determinado ambito para a circulação... A custo conseguimos abandonar a sala onde brilham e rebrilham tantas moedas, inclusive um tetradracma de prata cunhado nos anos que medeiam entre 527 a 430. Ficamos com vontade de perguntar ao dr. Coimbra se Alexandre, o “Conquistador”, poderia ter manuseado aquela moeda mas ficamos temerosos de revelar nossa ignorancia. Não perguntamos...

INDIOS, DOAÇÕES E BRINQUEDOS TAMBEM

Voltamos à sala do sr. Sergio Buarque de Holanda, onde o diretor do Museu examinava a mais recente doação feita ao Museu: um retrato original da marquesa de Santos, doação feita pelo Patrimonio Historico e Artistico Nacional. Ao seu lado, outra doação. Era um espadim do tempo da guerra do Paraguai, doado pelo dr. Alcides da Costa Vidigal.

Conta-nos então o diretor do Museu que é sua intenção levar a efeito brevemente uma exposição de brinquedos infantis dos indios brasileiros e depois inaugurar uma sala permanente onde os estudiosos poderão manusear os brinquedos dos garotos indios. São brinquedos como os das crianças de todo o mundo, só que entre eles não se encontrarão bonecas de porcelana na China, Macaquinhos de pão, bonequinhas enfeitadas de contas, jacarés, armas de brinquedos são a diversão da petizada bugra.



Um retrato original da marquesa de Santos, nas mãos do diretor do Museu do Ipiranga. Na auto-foto, a srta. Ashtar segura uma boneca dos indios Tapirapés.

— “Pena foi e muita que se não houvesse procedido à conclusão do Palacio de Bezzi. Em vez do pequeno pavilhão que magramente corôa o alto da colina, em ambiente tão vasto quanto majestoso, fronteiro à mais dilatada e grandiosa perspectiva, possuiria S. Paulo o mais imponente e harmonioso conjunto arquitetónico não só do Brasil mas da America do Sul. Temos a convicção aliás de que mais anos menos anos fará o governo de S. Paulo executar o projeto integral de Bezzi, construindo os corpos avançados que estão faltando ao palacio do Ipiranga. Seja como fór, o conjunto da colina do Ipiranga, o grande monumento à independencia, o parque e o lindo edificio do Museu formam um consorcio unico em nosso país e quiça em toda a America Meridional”.



Correio Paulistano - 7.9.47

Coverio Paulistano - 7.9.47

Paulo, estava-se em pleno campo. A's margens de um riacho, celebre hoje e naquele tempo ignorado quase, erguia-se a mais notavel construçao do bairro, pertencente ao coronel João de Castro do Canto e Melo. Perto, outra casa, muito mais tosca, que figura na grande tela de Pedro Americo: "Independencia ou Morte". Era um trecho ermo, quase ignorado pelos paulistanos até que um dia...

E' o historiador Afonso de E. Taunay quem escreve:

"De um momento para outro, adquiriu aquele modestissimo e feio trecho de charneca o mais extraordinario prestigio, desde que pelas quatro e meia da tarde de sete de setembro de 1822, clamou o principe regente, a face dos povos, que o Brasil se desligava de Portugal".

Em prefacio ao "Guia da Secção Historica do Museu Paulista", o sr.



O monumento do Ipiranga, vend-o-se ao fundo o Museu Paulista.

HOJE

Hoje, é diretor do Museu do Ipiranga o escritor Sergio Buarque de Holanda, interessado em desenvolver ao maximo os estudos de antropologia. Para tanto, "pontas de lança" do

são popular é algo interessantissimo. Mais interessante seria se o proprio diretor do Museu do Ipiranga, ladeado pelos seus auxiliares, acompanhasse o visitante em todos os seus passos. Foi isso o que sucedeu quando comparecemos na ultima sexta-feira áquele majestoso edificio, a afim de levar a efeito uma despretençiosa reportagem. O escritor Sergio Buarque de Holanda nos acompanhou por diversas salas do Museu do Ipiranga contando fatos e coisas do passado, traduzindo a historia que vive naqueles quadros, naquelas "cadeirinhas" e naqueles documentos.

Seria fastidioso para o leitor narrar tudo o que vimos, contar por exemplo que aquele mosteiro da rua era um canteiro dos nossos valentes colonizadores lusitanos. Seria menos fastidioso, talvez mais interessante, dizer que o José Barroso é o funcionario mais antigo do Museu: quando este ainda não tinha portas e janelas, já o Barroso (inimigo de fotografos) era porteiro do edificio que guarda a historia em documentnos. Não seria desinteressante visitarmos a sala reservada a Santos Dumont, embora fosse uma séca terrivel um passeio á sala do padre Feijó... A sala Santos Dumont guarda o que irreverentemente chamariamos a "capa do primeiro homem a voar no mais pesado do que o ar", pois constituem uma capa do inventor do avião aqueles sapatos de dois palmos de comprimento, as bengalhinhas estilizadas, as caricaturas publicadas nos jornais parisienses, a cabeça de Rodin. Ali estão os mais diversos objetos pertencentes a Santos Dumont.

Entre as novas salas, inauguradas depois que o sr. Sergio Buarque de Holanda passou a diretor do Museu, figuram aquelas em que vemos empilhadas flexas, tacapes, lanças, espadas de osso e punhais de madeira dos indios Chavantes, Javaés, Umutiras. Pensa o atual diretor do Museu desenvolver ao maximo possivel os estudos de etnologia e foi pensando nisso que inaugurou no dia 19 de abril deste ano a Secção de Etnologia. Enquanto o fotografo embasbacado para uma borduna de um "chavante medroso", o escritor Buarque de Holanda explica:

— "Sim. Todas as indicações fazem crer que os Chavantes não são muito corajosos. Matam de medo e somente atacam viajantes isolados, nunca se aventurando contra as expedições de maior vulto. E' o que se diz...". E olhando para a coleção de colares de todos os tipos e todas as cores, conta-nos:

— "São os indios Umutinas, o que quer dizer Barbados. Têm esse nome porque não raspam a barba incipiente da ponta do queixo. Estas armas são dos indios Craós, do Maranhão, pertencentes a uma tribu quase extinta

que há uns quatro anos contava somente quinze individuos".

ENTRE O CRUZEIRO E O TETRADRAMA

Quando entramos nas salas reservadas á Secção de Numismática, o sr. Sergio Buarque de Holanda indicou o dr. Alvaro da Veiga Coimbra, diretor da secção. Daquele momento em diante, seria ele o "ciceroni". O novo guia não pára de falar enquanto nos aponta moeda atrás de moeda, condecorações atrás de condecoração: — "Com exceção da Ordem da Aeronautica, diz ele, criada recentemente, possui o Museu do Ipiranga todas as ordens honorificas da Republica, que são a Ordem do Cruzeiro do Sul, a do Merito Naval e a do Merito Militar em todos os seus graus. Possuimos também a Ordem do Merito de Ipiranga, ainda da época Colonial. São duas peças muito raras,

tinha um determinado ambito para a circulação... A custo conseguimos abandonar a sala onde brilham e rebrilham tantas moedas, inclusive um tetradracma de prata cunhado nos anos que medeiam entre 527 a 430. Ficamos com vontade de perguntar ao dr. Coimbra se Alexandre, o "Conquistador", poderia ter manuseado aquela moeda mas ficamos temerosos de revelar nossa ignorancia. Não perguntamos...

INDIOS, DOAÇÕES E BRINQUEDOS TAMBEM

Voltamos á sala do sr. Sergio Buarque de Holanda, onde o diretor do Museu examinava a mais recente doação feita ao Museu: um retrato original da marquesa de Santos, doação feita pelo Patrimonio Historico e Artistico Nacional. Ao seu lado, outra doação. Era um espadim do tempo da guerra do Paraguai, doado pelo dr. Alcides da Costa Vidigal.

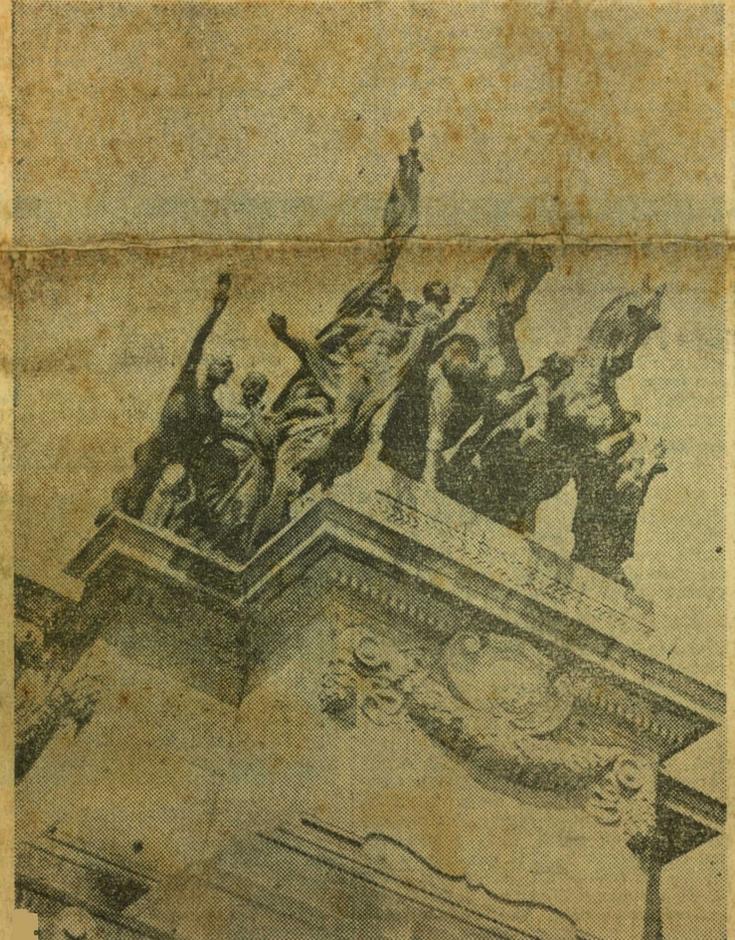
Conta-nos então o diretor do Museu que é sua intenção levar a efeito brevemente uma exposição de brinquedos infantis dos indios brasileiros e depois inaugurar uma sala permanente onde os estudiosos poderão manusear os brinquedos dos garotos indios. São brinquedos como os das crianças de todo o mundo, só que entre eles não se encontrarão bonecas de porcelana na China, Macaquinhos de pau, bonequinhas enfeitadas de contas, jacarés, armas de brinquedos são a diversão da petizada bugra.



Um retrato original da marquesa de Santos, nas mãos do diretor do Museu do Ipiranga. Na auto-foto, a srta. Ashtar segura uma boneca dos indios Tapirapés.

— "Pena foi e muita que se não houvesse procedido á conclusão do Palacio de Bezzl. Em vez do pequeno pavilhão que magramente corôa o alto da colina, em ambiente tão vasto quanto majestoso, fronteiro á mais dilatada e grandiosa perspectiva, pos-

suiria S. Paulo o mais imponente e harmonioso conjunto arquitetônico não só do Brasil mas da America do Sul. Temos a convicção aliás de que mais anos menos anos fará o governo de S. Paulo executar o projeto integral de Bezzl, construindo os corpos avançados que estão faltando ao palacio do Ipiranga. Seja como for, o conjunto da colina do Ipiranga, o grande monumento á independencia, o parque e o lindo edificio do Museu formam um consorcio unico em nosso pais e quiza em toda a America Meridional".



Detalhes do monumento do Ipiranga

Afonso Taunay nos diz que foi muito difícil identificar o local, sendo necessario recorrer-se a um padrão natural: o riacho do Ipiranga. No entanto, este corria uns trezentos metros distante do lugar em que d. Pedro tomou a historica decisão. No quadro de Pedro Americo, entretanto, os cavalos da comitiva patinham sobre a agua do riacho.

... e sempre se quis perpetuar no marmore e no bronze os feitos daqueles dias, conforme diria um escritor suburbano, de maneira que muitas verbas foram sucessivamente consignadas por sucessivas Camaras de Deputados. Em 1872 se renovam as tentativas da ereção de um monumento comemorativo da proclamação da Independencia. Em 1884, finalmente, se iniciam os trabalhos do monumento e em 1919 as grandes obras do Museu.

... e finalmente surgiu o Museu do Ipiranga, tão apreciado pelos visitantes que gostavam de animais empalhados ou "cadeirinhas" da marquezia dos Santos. Tão apreciado que no dia 7 de setembro de 1922, centenario da Independencia do Brasil, tanta tanta gente visitava aquele estabelecimento, que até parecia estarem as escadarias de marmore em ponto de ruir sob o peso dos visitantes. Quem nos conta esse fato e esse temor é o proprio sr. Afonso de E. Taunay, testemunha ocular.



Outro detalhe do monumento do Ipiranga

pois nessa época as Ordens de Cristo, de S. Bento e de S. Tiago da Espada eram todas de pedrarias cravadas em ouro e prata. Também possuimos as Ordens Honorificas do Imperio, isto é a Ordem do Cruzeiro, de Cristo e da Rosa".

Antes de nos retirarmos, ainda tivemos oportunidade de vislumbrar uma "maquette" do Museu Paulista. E' igualzinha ao Museu quando... quando ficar definitivamente pronto. Lembremo-nos então das palavras do historiador Afonso Taunay: